

Versão Online

ISBN 978-85-8015-053-7

Cadernos PDE

VOLUME II

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
Produção Didático-Pedagógica

2009



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
Superintendência da Educação
Diretoria de Políticas e Programas Educacionais
Programa de Desenvolvimento Educacional



MARISA POISKI DA LUZ
PRODUÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

UNIDADE DIDÁTICA:

O texto Literário: Cabeças bem feitas na sala de aula.

LARANJEIRAS DO SUL – PR
AGOSTO/2010

MARISA POISKI DA LUZ
PRODUÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

UNIDADE DIDÁTICA:

O texto Literário: Cabeças bem feitas na sala de aula.

Produção didático-pedagógica apresentada ao Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE–SEED/PR, sob orientação do Prof. Dr. Daniel Gomes, do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO.

LARANJEIRAS DO SUL - PR
AGOSTO/2010

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Professora PDE: Marisa Poiski da Luz

Área de disciplina: Língua Portuguesa e Literatura

NRE: Laranjeiras do Sul

Professor Orientador IES: Professor Doutor Daniel Gomes

Instituição de Ensino Superior: UNICENTRO

Colégio de Implementação: Colégio Estadual Floriano Peixoto EFMP

Público objeto da intervenção: Alunos da 1ª série do Ensino Médio

Tema de estudo: Literatura: um aprendizado significativo mediado pelo texto literário.

Título da Unidade Didática: O texto literário: Cabeças bem feitas na sala de aula.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	5
II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	6
III. ENTRANDO NA SALA DA AULA	10
3.1. Crônica	10
3.1.1. Características	10
3.1.2. Origem	11
3.1.3. Tipos	11
3.2. O Método Recepcional (teoria)	12
3.3. O Método Recepcional (prática)	13
IV. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	22

O TEXTO LITERÁRIO: CABEÇAS BEM FEITAS NA SALA DE AULA.

I. INTRODUÇÃO

O Material didático: Unidade didática será aplicado pela Professora Marisa Poiski da Luz, na disciplina de Língua Portuguesa, orientada pelo Professor Doutor Daniel Gomes da UNICENTRO, no Colégio Estadual Floriano Peixoto. Ensino Fundamental, Médio e Profissional, de Laranjeiras do Sul. O público alvo serão as primeiras séries do Ensino Médio, no período da manhã, no 2º trimestre de 2010.

O principal objetivo desta unidade didática é disponibilizar aos professores e alunos mais uma alternativa para sua prática pedagógica no trabalho com Literatura. O gênero literário escolhido foi a crônica e o método é o Recepcional adaptado por Bordini e Aguiar, embasado na Teoria da Estética da Recepção de Jauss.

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade (CANDIDO, 1995).

O ensino da Literatura deve proporcionar aos alunos uma relação significativa com o texto literário, abrindo-lhes horizontes para representarem o mundo e trabalharem a linguagem de modo estético.

Diante disso, é fundamental conquistar os alunos para que façam da Literatura algo importante em suas vidas, entretanto, constata-se, com base na rotina da sala de aula, que os alunos leem pouco, e menos ainda, textos literários. A Literatura é algo distante de suas vidas e concorre em desvantagem com a TV, o videogame, o computador, etc. Utilizar essas ferramentas como aliados é necessário para um ensino da literatura de modo significativo.

Nesse sentido pensa-se o ensino da Literatura a partir dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção, que é uma das possibilidades de cativar e valorizar o aluno/leitor.

Pondera-se, também, nesta produção didático-pedagógica, algumas considerações do filósofo Edgar Morin, que preconiza a importância de se reformar o pensamento. Defende a interligação dos conhecimentos e critica o ensino fragmentado.

O principal objetivo ao trabalhar com a literatura é propiciar, por meio do texto literário, oportunidades para o aluno desenvolver e/ou ampliar seus conhecimentos, tornando o ensino da Literatura mais efetivo e significativo.

É fundamental para o sucesso do ensino de literatura envolver os alunos com textos literários que estejam mais próximos de suas vidas. Sendo assim, a crônica é um dos gêneros literários que contempla essa necessidade.

II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A abordagem pedagógica da educação no estado do Paraná está norteada pela pedagogia progressista, cuja característica principal é uma educação que possibilite a compreensão da realidade histórico-social e explicita o papel do sujeito transformador dessa mesma realidade. A escola é um espaço de socialização do saber e a relação professor-aluno é interativa, ambos são seres sócio-históricos.

Saviani expõe:

O saber objetivo transformado em saber escolar interessa como meio de crescimento para os alunos, a fim de que não apenas assimilem o saber objetivo enquanto resultado, mas aprendam o processo de sua produção, bem como as tendências de sua transformação (SAVIANI, s.d. apud ARANHA, p. 216).

É dentro dessa abordagem pedagógica que o ensino da Literatura está inserido. A Literatura é vista como algo que está ligado à vida social. O produto literário está sujeito à modificações históricas e é compreendido em suas relações dialógicas com outros textos e com outras formas de linguagem

O ensino da Literatura contemplado nas DCEs procura, através do texto literário, aprofundar a capacidade de pensamento crítico e a sensibilidade estética, permitindo a expansão lúdica da oralidade, da leitura e da escrita.

Assim o texto literário é visto como um meio para estimular a capacidade criativa e também crítica do aluno. A relação do aluno com o mesmo é uma das mais significativas experiências de leitura.

Para Eagleton (1983, p.105), “sem a participação constante do leitor não haveria obra literária”. A partir disso propõe-se, o ensino da Literatura com base nos pressupostos da Estética da Recepção, pois busca formar um leitor capaz de sentir e de expressar o que sentiu, com condições de reconhecer, nas aulas de literatura, um envolvimento de subjetividades que se expressam pela tríade obra/autor/leitor, por meio de uma interação que está presente na prática da leitura. Aquele que lê amplia seu universo, mas amplia também o universo da obra a partir de sua experiência cultural.

Sendo assim, a Estética da Recepção vem ao encontro dos anseios de professores, alunos, enfim, todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem; que é a valorização do leitor muitas vezes ignorado ou pouco valorizado por outras concepções teóricas.

Jauss (1989) questionou e criticou a maneira como a Literatura vinha sendo abordada: ora apenas historiográfica, ora formalista e estruturalista. A partir desses questionamentos e estudos aprofundados Jauss elaborou a teoria da Estética da Recepção.

Para Jauss:

Se por tradição entendemos o processo histórico da práxis artística, então ele deve ser pensado como um movimento que começa com a recepção, que apreende o passado, trá-lo de volta a si e dá ao que ela assim transformou em presente, traduziu ou “transmitiu”, o sentido novo que implica seu esclarecimento pela atualidade (JAUSS, apud ZILBERMAN, 1989, p.41).

A teoria apresentada por Jauss está aberta às novas tendências e correções. Não constitui uma fórmula acabada, assim exigindo que todos

estejam atentos às novidades para percebê-las, compreendê-las, interpretá-las da melhor maneira possível.

Jauss diz:

Uma obra antiga não sobrevive na tradição histórica da experiência estética por questões eternas, nem por respostas permanentes, mas em razão de uma tensão mais ou menos aberta entre questão e respostas, problema e solução, que pode suscitar uma compreensão nova e determinar a retomada do diálogo do presente com o passado (JAUSS, apud BORDINI & AGUIAR, 1993. p. 50).

Para Bordini & Aguiar:

Constrói-se na obra literária, um mundo possível, no qual os objetos e processos nem sempre aparecem totalmente delineados. Esse mundo, portanto, envolve lacunas que são automaticamente preenchidas pelo leitor de acordo com sua experiência. Isso explica porque se pode representar toda uma vida em uma novela de cem páginas sem que se perca a ilusão dos eventos narrados. A obra apresenta uma série de indicações em potência, que o sujeito atualiza no ato da leitura (BORDINI & AGUIAR, 1993. p.15).

Ainda com base em Bordini & Aguiar, há princípios básicos que norteiam o ensino de literatura: atendimento aos interesses do leitor, provocações de novos interesses que agucem o senso crítico e preservação do caráter lúdico do jogo literário. Teoricamente embasadas na Teoria da Estética da Recepção de Jauss; Bordini e Aguiar adaptaram e propõe o Método Recepcional, dividido em cinco etapas:

1ª Determinação do horizonte de expectativas.

2ª Atendimento ao horizonte de expectativas.

3ª Ruptura do horizonte de expectativas.

4ª Questionamento do horizonte de expectativas.

5ª Ampliação do horizonte de expectativas.

O gênero literário escolhido para desenvolver a presente unidade didática é a crônica por possuir as seguintes características: são textos curtos, em geral um fato vivenciado pelo autor, episódios que chamam a atenção pelo seu lado pitoresco e engraçado, situações inesperadas que nos fazem pensar

na vida. Possui um tom de informalidade, leva muitas vezes os leitores a uma reflexão sobre os acontecimentos.

Para Candido:

A crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou singularidade insuspeitadas (...). Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorradeira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição (CANDIDO, apud KONZEN. s.d. p.21).

O conteúdo das crônicas possui uma grande diversidade: lírico, comentário sobre acontecimentos diversos e assuntos diferentes, conteúdo filosófico, e muitos outros.

Acredita-se que por possuir tais características e diversidade de conteúdos o gênero literário crônica é um dos caminhos para uma maior aproximação dos alunos com a literatura.

Segundo Morin uma cabeça cheia, apenas acumula informações, em contrapartida uma cabeça bem feita sabe o que fazer com as informações, tem princípios organizadores que dão sentido aos saberes. É capaz de resolver problemas. Uma cabeça bem feita organiza o conhecimento, que ao mesmo tempo comporta: separação e ligação, análise e síntese. Liga e contextualiza os saberes.

Muitas reformas são necessárias, mas a mais importante é a reforma do pensamento. Entretanto há certa resistência à ela. O ensino deve voltar a ser não apenas uma função, uma especialização, uma profissão, mas também uma missão; que exige competência, técnica e arte.

Para Morin:

A missão desse ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre (MORIN, 2009, p. 11).

Eliot (2009) dizia: “Onde está o conhecimento que perdemos na informação? Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento.” Esse pensamento resume o excesso de informação e ao mesmo tempo a fragmentação desta. Demonstra sua superficialidade. Fica-se com a cabeça cheia, no entanto, não bem feita.

III. ENTRANDO NA SALA DE AULA

3.1. CRÔNICA

O gênero crônica está mais próximo dos leitores, portanto, pode ser uma estratégia para desenvolver nos alunos o hábito e o gosto pela leitura de textos literários. Seduzidos pela crônica chegam aos contos, aos romances e outros.

Para Candido (1987, p. 5) (...) “parece mesmo que a crônica é um gênero menor. ‘Graças a Deus’, - seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para vida, que ela serve de perto, mas para a literatura”.

3.1.1. Características

A crônica é, primordialmente, um texto escrito para ser publicado no jornal. As relações entre os dois (jornal e crônica) é uma das características desse gênero literário.

A crônica está próximo do dia-a-dia, seja nos temas ligados à vida cotidiana, seja na linguagem despojada e coloquial do jornalismo. Ela surge num instante de pausa para o leitor cansado da frieza e da objetividade jornalística. Sua linguagem é subjetiva e pessoal, impressionista e lírica. Se o jornalista deve ser conciso, objetivo e claro; o cronista tem mais liberdade. Seu texto tem um toque de informalidade: como se fosse uma conversa entre amigos: “veja só o que me aconteceu”. Assim se estabelece certa intimidade com o leitor (ANDRADE, s.d. Apud KONZEN).

Enfim o assunto da crônica é geralmente um fato presenciado pelo autor. Qualquer um desses acontecimentos que nos cercam e também chamam atenção pelo lado pitoresco ou engraçado. São situações banais e

inesperadas que fazem pensar na vida. Tem um certo aspecto jornalístico, mas a linguagem é peculiar, pessoal, subjetiva e lírica.

A crônica facilita ao autor abordar de modo mais leve um tema difícil e trágico. Em geral o autor aproveita o assunto da crônica para uma reflexão, para tirar uma lição daquilo que vivenciou.

Muitas vezes a crônica possui um tom humorístico. Outras vezes é mais reflexivo, lírico ou poético.

3.1.2. Origem

Do Grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*). E do Latim *chronica* (m), designava, no início da era cristã, o relato de acontecimentos em ordem cronológica. No século XIX, com o desenvolvimento da imprensa, a crônica passou a fazer parte dos jornais. Ela apareceu pela primeira vez em 1799, no *Journal de Débats*, publicado em Paris.

3.1.3. Tipos de Crônica

Crônica Descritiva

É viva como a pintura. É precisa como a fotografia ou dinâmica como um filme publicado

Crônica Narrativa

Aproxima-se do conto. Pode ser narrado tanto na 1ª quanto na 3ª pessoa do singular. Texto lírico (poético, mesmo em prosa). Comprometido com fatos cotidianos ("banais", comuns).

Crônica Dissertativa

Expõe opiniões com argumentos mais pessoais, com um pouco de sentimentalismo, do que com somente racionais. Exposto tanto na 1ª pessoa do singular quanto na do plural.

Crônica Narrativo-Descritiva

Mescla as características da crônica narrativa com a descritiva.

Crônica Humorística

Apresenta uma visão irônica ou cômica dos fatos apresentados.

Crônica Lírica

É o escritor expondo as emoções suas ou do mundo diante de um acontecimento ou de um ser humano. Linguagem poética e metafórica .

Crônica Poética

Apresenta versos poéticos em forma de crônica. Linguagem conotativa, metáforas, paradoxos, metonímias são indispensáveis para embelezá-la.

Crônica Jornalística

Possuem aspectos particulares de notícias ou fatos. Narrativa (real ou ficção) de fatos do cotidiano. Podem ser esportivas, policiais ou políticas.

Crônica Histórica

Os fatos reais, ou fatos históricos são a base desse tipo de crônica.

3.2. O MÉTODO RECEPCIONAL (teoria)

Para atingir o objetivo proposto para o ensino da literatura será desenvolvido o Método Receptional apresentado por Bordini e Aguiar e amparado na Teoria da Estética da Recepção de Jauss.

Compreender, criticar, ser receptivo, questionar, relacionar seu horizonte cultural com outrem, transformar seus horizontes são metas do ensino de literatura com o método receptional dividido em cinco etapas:

1ª Determinação do horizonte de expectativas – através de discussões, conversas, questionários, analisar os interesses e níveis de leitura dos alunos.

2ª Atendimento ao horizonte de expectativas – apresentar textos próximos às experiências dos alunos.

3ª Ruptura do horizonte de expectativas – apresentar textos que abalem as certezas e costumes dos alunos e aprofundem seus conhecimentos.

4ª Questionamento do horizonte de expectativas – compara-se as duas etapas anteriores, analisa-se o grau de dificuldades dos textos, ampliam-se, com isso, os horizontes.

5ª Ampliação do horizonte de expectativas – reflexões, mudanças de atitudes. As leituras feitas não são apenas uma tarefa escolar, e sim, oportunidades de ver o mundo numa perspectiva mais global. Isso é ampliar os horizontes.

Depois de eleito o assunto ou assuntos preferidos dos alunos, que é a primeira etapa do método, o professor dá sequência ao mesmo, fazendo uso, também, das tecnologias como ferramentas para subsidiar o seu trabalho de um modo mais dinâmico.

* Apresentação de um vídeo, *slides*, *clip*, na TV *Pendrive*, voltado ao tema para motivá-los.

* Audição de músicas pertinentes ao tema.

* Textos impressos para leitura, discussão e anotações de pontos importantes.

* O texto literário escolhido: crônica.

* Espaço para os alunos manifestarem suas impressões, opiniões, sugestões.

* Leitura de diversas crônicas.

* Pesquisa sobre os autores Fernando Sabino, Leo Cunha e Luis Fernando Veríssimo.

* Produção de crônicas.

* Produção de *slides*, feita em parceria com o professor Vander Bulegon da disciplina Internet e Programação do curso Técnico em Informática do Colégio que será feita a implementação.

3.3. MÉTODO RECEPCIONAL (prática)

1º Determinação do horizonte de expectativas – os alunos são motivados a pensar sobre as seguintes questões:

1 – Você já ouviu a expressão “**cabeça bem feita**”?

2 – O que é, para você, ter uma “**cabeça bem feita**”?

3 – Qual a diferença entre “**cabeça cheia**” e “**cabeça bem feita**”?

Neste momento os alunos são instigados a refletir sobre as inúmeras influências que nos cercam na construção de “cabeças bem feitas” ou de “cabeças cheias”. A mídia e principalmente a TV é um dos meios de comunicação que mais nos influencia, portanto, vamos pensar um pouco mais sobre a televisão.

2º Atendimento ao horizonte de expectativas – vídeo com a música:
Televisão, dos Titãs. Para conhecer o vídeo acesse-o no *YouTube*.

A TELEVISÃO (Titãs)

A televisão me deixou burro, muito burro demais
Agora todas as coisas que eu penso me parecem iguais
O sorvete me deixou gripado pelo resto da vida
E agora toda noite quando deito é boa noite, querida.

Ô cride, fala pra mãe
Que eu nunca li num livro que um espirro
fosse um vírus sem cura
Vê se me entende pelo menos uma vez, criatura!
Ô cride, fala pra mãe!

A mãe diz pra eu fazer alguma coisa, mas eu não faço nada
A luz do sol me incomoda, então deixa a cortina fechada
É que a televisão me deixou burro, muito burro demais
E agora eu vivo dentro dessa jaula junto dos animais

[...]

Depois de assistir ao vídeo “A Televisão” (Titãs), responda aos questionamentos:

1 – O vídeo critica ou não a TV? Justifique.

2- Os versos “A mãe me diz pra eu fazer alguma coisa mas eu não faço nada / A luz do sol me incomoda, então deixo a cortina fechada “

- Você já se encontrou nesta situação? É muito ligado na TV, ou não? Em torno de quantas horas perde ou ganha na frente da TV? Justifique.

3 – Quais os programas que mais gosta? Por quê?

4 – Dentre os programas que mais gosta, quais contribuem para uma “**cabeça bem feita**” ou “**cabeça cheia**”?

5 – Pesquise algumas informações sobre a Banda Titãs.

3º Ruptura do horizonte de expectativas - crônica de Leo Cunha
“Filhos da Tela”.

FILHOS DA TELA (Leo Cunha)

Chegou a hora da vingança. A televisão não pode mais aguentar calada os ataques dos comunicólogos, sociólogos e intelectuais em geral. Abaixo aos detratores!

O que esses metidos alegam? Por exemplo: que as pessoas passam muito tempo diante da telinha. Ora, mas que besteira! A TV só está pedindo oito horas por dia, nada mais. Você ainda terá dezesseis horas pra fazer outras coisas.

Mas não. Sempre aparece um cientista pentelho para resmungar que o homem usa apenas 10% de seu cérebro. Pois quer saber de uma coisa? Acho que 10% dão e sobram. Pra que tanto desespero para usar o resto do cérebro? Por acaso você está prestes a descobrir a cura da AIDS, ou a solução para a fome? Relaxe!

Os inimigos da TV não param por aí. Dizem, também, que, na frente da telinha, o homem está desperdiçando as células nervosas. Pura paranóia! Afinal de contas, qual o problema de desperdiçar uma célula aqui, outra ali? O ser humano possui bilhões de células nervosas, isso não vai fazer a menor diferença.

Imagine o que seria viver num país sem TV? Você ia ter que quebrar a cabeça para encontrar algum hobby interessante. Mas quem precisa de hobbies? Os esnobes? Só se for pra rimar.

Agora imagine aquela senhora cujo marido é o cabra mais sem graça do mundo. Ou vice-versa. O que seria deles sem a TV?

Sejamos bem diretos. A TV é como um músculo: se você não usa, você perde. E ponto final. Plimplim saudações...

Fragmento do texto retirado do livro Tela Plana – crônica de um país telemaníaco, 2006, p.7

Após leitura e conversação sobre o texto “Filhos da Tela”, responda as seguintes questões:

1 - Identifique as características do gênero literário crônica no texto “Filhos da Tela”.

2– O texto faz uma crítica a quem? Ou a quê? Escreva trechos do texto que comprovem sua resposta.

3 – O texto “Filhos da Tela” é uma crônica humorística. Por quê?

4 - O que mais o surpreendeu neste texto? Por quê?

5 – Pesquise alguns dados sobre o escritor Leo Cunha.

4º Questionamento do horizonte de expectativas – comparar o texto “Filhos da Tela” e o vídeo com a música “A Televisão” dos Titãs.

1 – Quais as semelhanças e diferenças entre o Vídeo “A Televisão” (Titãs) e a crônica “Filhos da Tela” de Leo Cunha.

2 – O que mais lhe agradou: o vídeo “A Televisão” ou a crônica “Filhos da Tela”? Justifique.

Ainda dentro da 4ª etapa leia a crônica de Leo Cunha “Sem – Novela”.

SEM – NOVELA (Leo Cunha)

Sou um sem-novela. Tudo bem que é meio ridículo dizer isso num país recheado de sem-terras e sem-teto, mas às vezes eu também me sinto um autêntico excluído, como eles.

As pessoas me olham de lado, apontam o dedo.

--- É ele, é ele!

--- Sem-novela, coitado...

Pior: quando eu chego perto, elas mudam de assunto.

--- Podem continuar a conversa - eu imploro. E emendo desconfiado: --
Ou vocês estavam falando de mim?

--- Que é isso, Leo? Imagine... É que você, você é... Você sabe...

--- Eu sei o quê? – fecho a cara. – Não sei de nada!

--- Pois então, o problema é justamente esse. Depois que você começou a dar aulas à noite na faculdade, nunca mais assistiu a nenhum capítulo de nenhuma novela. Nem as do Gilberto Braga, que você costumava adorar. Sinto muito, Leo, mas não dá mais pra conversar com você por perto.

--- Mas como? – levanto a voz, aflito. – Nós podemos falar da Guerra no Iraque, dos transgênicos, das células-tronco, do efeito estufa. Eu sou jornalista, ora, conheço pelo menos um pouco sobre esses assuntos.

Fragmento retirado do livro *Tela Plana – crônica de um país de telemaniaco*, 2006, p. 11.

Após a leitura da crônica responda as questões a seguir:

1 – No diálogo entre Leo e seu amigo o que podemos notar?

2 – Você conhece alguém ou você mesmo já se sentiu meio deslocado, meio excluído. Relate esta experiência.

3 – O texto “Sem-novela” é uma crônica humorística. Por quê?

4 – Como você caracterizaria a personagem Leo e os demais? Quais deles possuem uma cabeça bem feita ou uma cabeça cheia? Justifique.

5º Ampliação do horizonte de expectativas – conheceremos agora mais dois cronistas e alguns de seus trabalhos. Primeiramente o autor Luis Fernando Veríssimo com a crônica “Homem que é homem”, faremos a leitura e assistiremos ao vídeo disponível no *YouTube*.

HOMEM QUE É HOMEM (Luis Fernando Veríssimo)

Homem que é Homem não usa camiseta sem manga, a não ser para jogar basquete. Homem que é Homem não gosta de canapés, de cebolinhas em conserva ou de qualquer outra coisa que leve menos de 30 segundos para mastigar e engolir. Homem que é Homem não come suflê. Homem que é Homem — de agora em diante chamado HQEH — não deixa sua mulher mostrar a bunda para ninguém, nem em baile de carnaval. HQEH não mostra a sua bunda para ninguém. Só no vestiário, para outros homens, e assim mesmo, se olhar por mais de 30 segundos, dá briga.

HQEH só vai ao cinema ver filme do Franco Zeffirelli quando a mulher insiste muito, e passa todo o tempo tentando ver as horas no escuro. HQEH não gosta de musical, filme com a Jill Clayburgh ou do Ingmar Bergman. Prefere filmes com o Lee Marvin e Charles Bronson. Diz que ator mesmo era o Spencer Tracy, e que dos novos, tirando o Clint Eastwood, é tudo veado.

HQEH não vai mais a teatro porque também não gosta que mostrem a bunda à sua mulher. Se você quer um HQEH no momento mais baixo de sua vida, precisa vê-lo no balé. Na saída ele diz que até o porteiro é veado e que se enxergar mais alguém de malha justa, mata.

E o HQEH tem razão. Confesse, você está com ele. Você não quer que pensem que você é um primitivo, um retrógrado e um machista, mas lá no fundo você torce pelo HQEH. Claro, não concorda com tudo o que ele diz. Quando ele conta tudo o que vai fazer com a Feiticeira no dia em que a pegar, você sacode a cabeça e reflete sobre o componente de misoginia patológica inerente à jactância sexual do homem latino. Depois começa a pensar no que faria com a Feiticeira se a pegasse. Existe um HQEH dentro de cada brasileiro, sepultado sob camadas de civilização, de falsa sofisticação, de propaganda feminina e de acomodação. Sim, de acomodação. Quantas vezes, atirado na frente de um aparelho de TV vendo a novela das 8 — uma história invariavelmente de humilhação, renúncia e superação femininas — você não se perguntou o que estava fazendo que não dava um salto, vencida a resistência da família a pontapés e procurava uma reprise do *Manix* em outro canal? HQEH só vê futebol na TV. Bebendo cerveja. E nada de cebolinhas em conserva! HQEH arrota e não pede desculpas.

Se você não sabe se tem um HQEH dentro de você, faça este teste. Leia esta série de situações. Estude-as, pense, e depois decida como você reagiria em cada situação. A resposta dirá o seu coeficiente de HQEH. Se pensar muito, nem precisa responder: você não é HQEH. HQEH não pensa muito!

Situação

Você está num restaurante com nome francês. O cardápio é todo escrito em francês. Só o preço está em reais. Muitos reais. Você pergunta o que significa o nome de um determinado prato ao *maître*. Você tem certeza que o *maître* está se esforçando para não rir da sua pronúncia. O *maître* levará mais tempo para descrever o prato do que você para comê-lo, pois o que vem é uma pasta vagamente marinha em cima de uma torrada do tamanho aproximado de uma moeda de um real, embora custe mais de cem. Você come de um golpe só, pensando no que os operários são obrigados a comer. Com inveja. Sua acompanhante pergunta qual é o gosto e você responde que não deu tempo para saber. O prato principal vem trocado. Você tem certeza que pediu um "Boeuf à quelque chose" e o que vem é uma fatia de pato sem qualquer acompanhamento. Só. Bem que você tinha notado o nome: "Canard melancolique". Você a princípio sente pena do pato, pela sua solidão, mas muda de idéia quando tenta cortá-lo. Ele é um duro, pode agüentar. Quando vem a conta, você nota que cobraram pelo pato e pelo "boeuf" que não veio. Você: a) paga assim mesmo para não dar à sua acompanhante a impressão de que se preocupa com coisas vulgares como o dinheiro, ainda mais o brasileiro; b) chama discretamente o *maître* e indica o erro, sorrindo para dar a entender que, "Merde, alors", estas coisas acontecem; ou c) vira a mesa, quebra uma garrafa de vinho contra a parede e, segurando o gargalo, grita: "Eu quero o gerente e é melhor ele vir sozinho!"

Fragmento do texto extraído do livro "As mentiras que os homens contam, Editora Objetiva - Rio de Janeiro, 2000, p. 89.

Para enriquecimento do texto acima sugerimos acesso ao vídeo disponível no *YouTube* Homem que é homem.

A seguir uma discussão a respeito do que foi assistido, em torno das seguintes questões:

- 1 – A crônica é de cunho machista? Por quê?
- 2 – A crônica ressalta ou ironiza o machismo?
- 3 – Hoje o machismo está presente na sociedade? Justifique e cite exemplos.
- 4 – Pesquise dados sobre o autor.

O próximo autor a ser estudado é Fernando Sabino. Faremos a leitura da Última Crônica e assistiremos ao vídeo sobre a mesma disponível no *YouTube*.

A última crônica (Fernando Sabino)

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: "assim eu queria o meu último poema". Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel...

Fragmento do texto retirado do Livro Didático Público Língua Portuguesa e Literatura – Ensino Médio, 2006, p. 51.

Após ler o texto A última crônica e assistir ao vídeo analise:

1 – Quais as diferenças e semelhanças entre o texto impresso e o vídeo?

2 – Se você tivesse assistido apenas ao vídeo teria entendido o texto? Justifique.

3 – Qual a idéia central do texto?

4 – Há marcas de racismo quando o autor emprega os termos: casal de pretos, de uma negrinha? Justifique.

5 – Retire fragmentos do texto que denotam união da família.

6 – Cite exemplos, do vídeo, de descaso do garçom com relação aos fregueses em questão.

7 – O que motiva o constrangimento do pai na última cena relatada.

8 – Retire fragmentos que evidenciem a dignidade do pai.

9 – Pesquise dados sobre o autor

Para finalizar os trabalhos os alunos produzirão suas crônicas e posteriormente irão adaptá-las em slides e apresentarem aos seus colegas. Para isso haverá uma parceria com o professor Vander Bulegon da disciplina Internet e programação do curso Técnico em Informática.

Com todas estas atividades, mesclando o texto literário com as ferramentas tecnológicas, sensibilizando e instigando os alunos a interagirem no meio em que vivem, espera-se que os alunos envolvam-se e comprometam-se de modo mais efetivo com a leitura literária.

Assim possibilita-se uma verdadeira reforma do pensamento, ou seja, cabeça bem feita, como preconiza o filósofo Edgar Morin.

IV. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura e formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, s.d.

CANDIDO, Antonio. In: **Para Gostar de Ler**. Vol. 05 – Crônicas. São Paulo: Ática, 1987.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2007.

COSTA, Maria José Damiani. **Língua: ensino e ações**. Florianópolis: UFSC, 2002.

CUNHA, Leo. **Tela Plana – crônica de um país telemaníaco**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.

HOMEM que é homem – Vídeo adaptado da crônica Homem que é homem do Livro: As mentiras que os homens contam de Luis Fernando Veríssimo.

Disponível em: < http://www.youtube.com/watch?v=yI_4xqP2J2I>. Acesso em: 26 jul. 2010.

KONZEN, Paulo Cezar. **Ensaio sobre a arte da palavra**. Cascavel: Edunioeste, 2002.

LIMA, Luiz Costa. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LINS, Antonio E. L. N. et al. **Língua Portuguesa e Literatura – Ensino Médio**. Curitiba: SEED – PR, 2006.

MONCLAIR, Jorge. Filme adaptado do texto **A Última Crônica** de Fernando Sabino. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=FgH8XuTv3ZM>> Acesso em: 26 jul. 2010.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica Língua Portuguesa**. Curitiba, 2008.

TITÃS – Televisão Reloaded. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=NoVxtbJUPxI&feature=related>> Acesso em: 26 jul. 2010

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da Literatura**. São Paulo: Ática, 1989.